

A temperança na imagem religiosa e no rito: entre memória e apelo cultural e religioso

Temperance in religious image and rite: between cultural and religious memory and appeal

Helmut Renders¹

RESUMO

Este artigo estuda o desenvolvimento da cultura visual temperante e o uso do vinho no rito da Santa Ceia entre os séculos XVI e XIX. Tanto o rito quanto a cultura visual temperante são abordados como manifestações de memória e apelo cultural. Como referências teóricas, são utilizados Erwin Panofsky, Aby Warburg e Jan Assmann e a metodologia usada inspira-se no método iconológico de Panofsky. A análise considera distinções importantes, como as relações entre o privado e o público, o individual/familiar e o social, bem como entre temperança e abstinência/proibição. Conclui-se que a cultura visual temperante seguiu consistentemente convenções culturais, alcançando um momento de destaque entre 1850 e 1934, ao se alinhar com outros elementos catalisadores de transformação cultural. Após 1945, contudo, experimentou um declínio gradual, tornando-se uma expressão marginal de subcultura até desaparecer completamente. Apesar disso, o uso do suco de uva na Santa Ceia tem permanecido desde 1880 até os dias atuais em igrejas que defendem a temperança.

Palavras-chave: Linguagens da religião; Cultura visual evangélica; Movimento de temperança; Iconografia temperante; Iconografia abstinência.

ABSTRACT

This article examines and contrasts the evolution of temperate visual culture and the use of wine in the ritual of the Holy Supper from the 16th to the 19th centuries. Both the ritual and temperate visual culture are analyzed as manifestations of memory and cultural appeal. Theoretical frameworks include Erwin Panofsky, Aby Warburg and Jan Assmann; and the applied methodology is inspired in the iconological method of Erwin Panofsky. The study considers key distinctions such as private versus public, individual or familial versus social, and temperance versus abstinence or prohibition. The findings suggest that temperate visual culture consistently adhered to cultural conventions, achieving notable prominence between 1850 and 1934 by integrating with other catalytic factors for cultural transformation. Subsequently, it experienced a gradual decline into marginality post-1945, becoming emblematic of a subculture, before ultimately vanishing entirely. Nonetheless, the use of grape juice in the Holy Supper ritual has persisted from 1880 to the present day in churches advocating temperance.

Keywords: Languages of religion; Evangelical visual culture; Temperance movement; Temperance iconography; Teetotal iconography.

¹ Contato: helmut.renders@gmail.com. Doutorado em Ciências de Religião (UMESP, 2006); Estágios de Pós-Doutoramento em Ciências da Religião (UFJF, 2011) e História da Arte (UNIFESP, 2020). Professor colaborador da Pontifícia Universidade de São Paulo, em Estágio de Pós-Doutoramento em Ciência de Religião com ênfase na cultura visual protestante brasileira. Professor visitante da Universidade Metodista de Angola, Luanda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Religião e Teologia.

Introdução

A trajetória do uso de substâncias psicoativas no contexto religioso remonta possivelmente à própria origem das religiões. Em determinados casos, o uso era restrito a indivíduos ou grupos específicos, como xamãs, sacerdotes, sacerdotisas e iniciados. Em outros, essas substâncias integravam celebrações religiosas de um grupo social mais amplo, abrangendo tribos ou comunidades inteiras.² Eles devem ser distintos do atual uso de psicodélicas (Jay, 2003 p. 494-502). Associado ao uso religioso, o emprego medicinal de substâncias também se desenvolveu, assumindo tanto o propósito de tratamento quanto o de prevenção e manutenção da saúde. Esse uso poderia ocorrer como ingrediente em preparações medicinais ou como alternativa ao consumo de água, frequentemente considerada uma possível fonte de doenças.³ No contexto do cristianismo, o uso de substâncias psicoativas aparece como um tema que abrange aspectos relacionados à saúde, à moral e ao rito, e a relação entre a prática ritualista e o campo moral a partir da cultura visual é meu tema.

Como método de interpretação das imagens, adoto duas intuições de Erwin Panofsky, especialmente sua compreensão de que o texto antecede a imagem e de que a imagem funciona como uma "caixa de ressonância" (termo adotado por mim) da cultura cotidiana contemporânea e das culturas precedentes. Em outras palavras, relativiza-se o papel do artista como gênio criador, uma construção própria da historiografia artística do século XIX. Esses dois aspectos estão inter-relacionados: a narrativa textual que precede a narrativa visual reduz, de certo modo, a originalidade desta última, uma vez que a criação visual não emerge do vazio. No campo religioso, essa dinâmica assume uma tripla relevância. Em primeiro lugar, muitos motivos religiosos têm como base textos religiosos, frequentemente considerados sagrados. Em segundo lugar, grande parte dos objetos de arte religiosa descritos, analisados e interpretados não se distingue por uma qualidade artística extraordinária ou inovadora, mas por sua função prática, sendo classificados, no alemão, como *religiöse Gebrauchskunst*, uma forma de arte religiosa utilitária e funcional.⁴

Segundo Erwin Panofsky, a linguagem das formas não é aleatória; ao contrário, ela obedece a regras específicas. Tais regras podem remontar à Antiguidade, outras tenham origem mais recente, por exemplo, medievais. Mesmo as formas inovadoras, em geral,

² Exemplos são: o uso ritualista de peiote, um cacto que contém mescalina, por Igrejas Nativas [norte] Americana (cf. Anderson, 1996); o uso de canabis como sacramento para aumentar a consciência espiritual e a meditação no Cristianismo (Cf. Kossar Furtado, 2021, p. 318-340) e Rastafarianismo; Soma, uma bebida ritualística com propriedades psicoativas, usada em cerimônias védicas ou no Hinduísmo; o uso de iboga, uma planta alucinógena, em rituais de iniciação e cura espiritual na religião Bewiti, Gabão, África (Bonhomme, 2023, p. 189-214) ou, no Brasil, a ayahuasca (cf. Maia, 2023), uma bebida feita de plantas, para exploração espiritual e cura, entre indígenas da Amazônia, ou o Santo Daime (MacRae, 2005, p. 459-488 ou Moreira e MacRae, 2014).

³ Um estudo bíblico com o título "O grande presente de Deus: a água" (Craft & Craft, 1909, p. 17-22) era somente possível com o surgimento de tratamento de água (Gibb e Paisley, Escócia, 1804) e sistemas de esgoto (Bazalgette, Londres, 1858). A ampla instalação ocorreu na Europa não antes de 1880/1890. A primeira companhia de água, bombando água do Rio Temes, era a Chelsea Waterworks Company de 1723, a primeira brasileira a Companhia do Queimado de 1852. Diretamente relacionada com água são as grandes epidemias de cólera (1817-1824; 1829-1851; 1852-1860, 1863-1923; 1899-1923; 1961 até atualmente).

⁴ Um número razoável de textos e exposições se dedicaram ao tema "álcool e arte" ou "álcool na arte" (Cf. Barnes, 2002; Meagher, 2000; Schneider, 1945, p. 117-120; Welch, 2024). Estes textos, porém, não falam especificamente da arte religiosa. Mesmo assim representam para nós fontes importantes, já que interpretamos em geral a arte religiosa como um produto do seu tempo, um tempo, que deve ser paralelamente ter sido reproduzido na arte profana.

estabelecem diálogos com tradições anteriores – ainda que, por vezes, o façam por meio de sua negação. A competência para decodificar linguagens visuais constitui um saber cultural, suscetível tanto ao esquecimento quanto à recuperação, precisamente por meio das próprias formas. No âmbito da cultura religiosa, observa-se que motivos verdadeiramente singulares são raros. Os estilos se transformam com maior rapidez do que os motivos, e as formas ainda menos do que os motivos.⁵ Isso assegura certa continuidade na compreensão das imagens ao longo do tempo, uma vez que os motivos são compostos por formas. Há motivos que perduram por séculos – como o dos “dois caminhos” ou o do “coração” – cuja presença pode ser rastreada por mais de oitocentos anos, mas, as formas podem ser milenares.

Ademais, as formas não se limitam a uma função informativa. Elas assumem também um caráter performativo. Pode-se afirmar que, enquanto Panofsky, por meio de seu método iconológico, enfatiza o aspecto informativo das imagens, Aby Warburg privilegia sua dimensão performativa, buscando identificar as interações afetivas entre a imagem e o observador. Warburg denomina esse aspecto das formas como *Pathosformeln*, termo frequentemente traduzido como “fórmulas de *páthos*”. Contudo, essa tradução revela-se imprecisa, pois o autor combina o termo grego *páthos* com o latino *formula*, que, neste contexto, significa “forma” e não “fórmula”. Uma tradução mais adequada seria “formas que articulam paixões”. Para Warburg, a arte renascentista reencontra essas formas expressivas na cultura visual da Antiguidade, focando em detalhes menores, por ele chamados *Beinwerk*. No caso da cultura visual cristã, tal fenômeno também se verifica com frequência. Por um lado, cita também formas e gestos etc. da arte ou de textos pré-cristãos. Por outro lado, cita metáforas, símbolos ou narrativas bíblicas. Como a própria Bíblia é um livro da Antiguidade, no caso do Novo Testamento, da Antiguidade tardia, trata-se de um fenômeno paralelo. Tais formas bíblicas também articulam paixões – tanto apolíneas quanto dionisiacas. Diversas dessas formas vamos encontrar em seguida nas gravuras, pinturas, litografias e reproduções fotomecânicas tematizando a temperança ou a proibição. Todas essas imagens evocam então também afetos profundos e ressoam de maneira particular entre aqueles inseridos no universo da cultura visual cristã.

Este texto está organizado em quatro seções: 1. Séculos 11 a 16: o cultivo do vinho e da cerveja, o bem-estar e o rito; 2. Séculos 15 a 18: a preservação do rito e a iconografia da temperança; 3. Segunda metade do século 19: a iconografia da abstinência, proibição e a transformação do rito; 4. Meados até fim do século 20: o desaparecimento da iconografia, entretanto, permanece o novo rito ou o uso de suco de uva no lugar do vinho. De modo igual, em cada uma das seções, as imagens são analisadas tanto como registros históricos representativos de suas respectivas épocas, quanto como agentes catalisadores, contribuindo para a formulação de um consenso cultural mais abrangente.

1. Séculos 11 a 15: o cultivo do vinho e da cerveja, o bem-estar e o rito

No que tange à cultura visual religiosa medieval, predominam representações de práticas cotidianas. Um gênero artístico originado nessa época e que perdura até os dias

⁵ Neste artigo, empregamos o termo *motivo* para designar o conjunto completo de uma imagem ou pintura, enquanto *formas* referem-se aos elementos constitutivos desse motivo – tais como figuras, objetos, cenários, entre outros. Em um nível ainda mais minucioso, consideramos aspectos como gestos, expressões faciais, posturas corporais e o direcionamento dos olhares, que conferem densidade semântica e afetiva à composição visual.

atuais, inclusive como elemento visual associado a diversas marcas de cerveja, é o estilo que retrata a figura de um monge consumindo cerveja ou vinho (figura 1).⁶

Figura 1: Ilustração do tratado **Li livres dou santé**. Aldobrandino de Siena, séc. XIII. Manuscrito da British Library, Sloane MS 2435, f. 44v.



Fonte: https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Monk_sneaking_a_drink.jpg. Manuscrito da Biblioteca Britânica, Sloane, 2435, f. 44v. Acesso em: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

As formas recorrentes neste contexto são a tonsura e a toga – elementos que indicam a figura de um monge —, uma tigela de vinho ou um copo de cerveja de proporções generosas – símbolos de fartura —, e as bochechas rosadas, que sugerem os efeitos do consumo e remetem à vitalidade, uma vez que o rosto corado, em oposição ao pálido, é tradicionalmente associado à vida.⁷ A narrativa principal permanece inalterada, apresentando a bebida alcoólica como um produto originário do cultivo realizado por monges ou de um estilo de vida profundamente devotado ao âmbito divino. Ela é caracterizada como parte de uma cultura voltada ao bem-estar, especialmente valorizada por indivíduos identificados como religiosos, sendo acompanhada por uma conotação de qualidade que remonta à sua origem em práticas religiosas.

O fato de que muitas cervejarias reproduzem imagens similares nos rótulos dos seus produtos apesar de que não possuem qualquer vínculo com um mosteiro é considerado irrelevante e, de forma interessante, não é objeto de críticas, nem por parte das instituições religiosas, nem por grupos sociais ou outras entidades. Trata-se de um motivo que representa uma cultura que ultrapassa seus aspectos particulares⁸ e estabelece uma relação positiva com a bebida e seu consumo.⁹ Enquanto o vinho era predominantemente associado às elites, a

⁶ Veja, como exemplo: Logotipo da cervejaria Mönchshof (Alemanha). Fonte: Kulmbacher Brauerei AG. Disponível em: https://www.mönchshof.de/moe-downloads/_processed_/0/1/csm_Moenchshof_Logo_4b7d993b5d.jpg. Acesso em: 12 fev. 2025.

⁷ Essa interpretação também se manifesta no *Cântico dos Cânticos* 5,10, onde a imagem das bochechas rosadas simboliza vitalidade, vigor e saúde – atributos tradicionalmente associados à beleza e à plenitude da vida. Trata-se então de uma “forma” que vem do cotidiano, é integrado no texto bíblico e depois reaparece na imagem.

⁸ Seria também possível criar um logo na tradição das imagens com cenas de festas de agricultores/as de Bruegel que também expressa a relação entre a bebida e o bem-estar cotidiano. Salvo nosso engano, nunca foi feito.

⁹ Na propaganda do TV, a imagem do monge com uma caneca de cerveja é hoje substituída pela relação férias – juventude – bebida.

cerveja era amplamente reconhecida como a bebida popular, muitas vezes produzida de forma doméstica. Essa distinção não sofreu alterações mesmo com a chegada da Reforma Protestante. Em relação a Martinho Lutero, é amplamente sabido, inclusive, que sua esposa, Katarina de Bora, destacava-se como uma excepcional mestre cervejeira.¹⁰ Tanto no caso do vinho quanto no da cerveja, os processos de fermentação eram amplamente reconhecidos como um indicativo de salubridade, especialmente quando comparados à água comum, muitas vezes proveniente de fossas, rios e lagos.

Figura 2: Fotografia do vitral *Última Ceia de Vestfália*, 1500, da Igreja de Wiesen em Soest, Alemanha. Artista desconhecido.



Fonte:

https://de.wikipedia.org/wiki/Westf%C3%A4lisches_Abendmahl#/media/Datei:Soest130811westabm.jpg.

Acesso em: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

A prática do uso do vinho na Santa Ceia segue uma lógica coerente com suas origens históricas. É importante lembrar que sua fundação está vinculada à celebração da Páscoa judaica, assim como ao formato do simpósio, “equivalente” greco-romano, comum em encontros de associações. Esses momentos envolviam o compartilhamento de refeições, a discussão de temas de interesse das associações e a celebração religiosa. Ambos os formatos emergiram de tradições cotidianas das respectivas sociedades, onde o vinho era uma bebida habitual, inclusive entre as camadas populares. Ou seja, o mundo religioso não criou tal entendimento, mas o incorporou sem questioná-lo por razões principais. Somente critica se o uso excessivo.

Nas figuras dois e três, essa conexão entre o cotidiano e o âmbito religioso é evidente. A primeira, de origem católica, data do ano 1500 (figura 2), e a segunda, de tradição luterana, é do ano 1537 (figura 3). Estamos então, 20 anos antes e vinte anos depois da reforma, considerando o ano 1517 como o ano do início da Reforma Protestante. Ambas são expostas em igrejas. A primeira figura é um vitral; a segunda, uma pintura sobre uma mesa-altar. Na primeira obra, observa-se, acima da mesa, dois pratos contendo partes de um porco e três canecas com tampas, sendo uma delas utilizada, que claramente remetem a canecas de cerveja. Sob a mesa, encontra-se uma cesta repleta de diferentes tipos de pães. Já as versões

¹⁰ Menos conhecido é que Lutero promoveu a produção de cerveja com lúpulo, uma planta bem comum na Alemanha, mas até então pouco usada.

luteranas apresentam interpretações de Lucas Cranach, o velho (1472–1553), e de Lucas Cranach, o jovem (1515–1586). Os elementos “diversos pães ou pedaços de pães e diversos cálices” prevalecem em tais representações. Este cruzamento entre a celebração religiosa e a mesa do cotidiano, reproduzido em igrejas tanto católicas quanto protestantes, é interpretado neste texto como um exemplo do enraizamento do consumo de álcool tanto na vida diária¹¹ quanto na prática religiosa, apesar de que no catolicismo o cálice de vinho era reservado para o sacerdote.

Figura 3: Lucas Cranach, o velho. O altar da Reforma, Santa Ceia [lado de frente], 1548 [imagem central do retábulo na Igreja da Cidade de Wittenberg, Alemanha].



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lucas_Cranach_d.%C3%84._-Reformationsaltar,_St._Marien_zu_Wittenberg,_Mitteltafel.jpg. Acesso em: 20 set. 2025. Acesso em: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

Um motivo que também conecta diretamente o cotidiano e a figura de Jesus Cristo é a cena do casamento em Caná, já amplamente popular durante a era medieval (figura 4) e frequentemente retratada ao longo da modernidade¹².

Entre os textos bíblicos que alertam sobre os perigos do consumo de álcool,¹³ destaca-se a perícopes de Gênesis 19.30-38, que narra o episódio de Ló e suas filhas. Essa narrativa foi particularmente prestigiada durante a Renascença (figura 5)¹⁴. Apenas da oficina de Cranach existem cinco versões,¹⁵ além de outras realizadas por pintores protestantes e

¹¹ Um exemplo inglês do motivo para o início do século 19 é a pintura *O feriado na aldeia*, 1809/11, de David Wilkie.

¹² O motivo aparece em igrejas como São Jorge, Romilly sur Andelle; a Catedral de Chartres, e Notre Dame, Paris. A página Wikipedia conta mais do que 130 versões, mas, deve haver muito mais.

¹³ Referências bíblicas são, por exemplo, Gênesis 9.20-25 e 19.30-38; Levítico 10,1-11; Provérbios 20.1 e 23.29-35; Isaías 5.11-12; Oseias 4.11; Daniel 5; Efésio 5.18. Todas elas e mais algumas, aparecem ainda no *Livro Mundial de Temperança* de Wilbur Fisk Craft e Sara J. Craft do não 1909, nas páginas 9 a 204.

¹⁴ Para o tempo até 1500 veja Hannelore Kunz (1981); para o tempo até 1650 veja Joshua Benjamin Kind (1967).

¹⁵ Cranach produziu diversas versões: 1528, 1530, 1541 e 1544.

católicos.¹⁶ Todas essas obras compartilham três elementos centrais: as figuras do pai, das duas filhas e o símbolo do álcool, representado por um decantador e/ou um cálice.

Figura 4: Giotto di Bondone. Casamento de Cana, 1304–06. Original localizado na Cappella Scrovegni a Padova.



Figura 5: Hendrik Goltzius. Ló e suas filhas, 1616. O original encontra-se no Rijksmuseum, Amsterdã, Número de Acervo: SK-A-4866.



Fonte:

https://de.wikipedia.org/wiki/Hochzeit_zu_Kana#/media/Datei:Giotto_-_Scrovegni_-_24_-_Marriage_at_Cana.jpg. Acesso em: 12 fev. 2025.

Licença: domínio público.

Fonte:

https://en.wikipedia.org/wiki/Lot%27s_daughters#/media/File:Hendrick_Goltzius_-_Lot_and_his_Daughters_-_WGA9730.jpg. Acesso em: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

Diferentemente do motivo do Casamento em Caná, as pinturas retratando o episódio de Ló e suas filhas não eram exibidas em igrejas, mas, sim, em salões privados, pertencentes a pessoas religiosas ou não. Independentemente disso, trata-se de um motivo que serve como alerta sobre os efeitos do consumo excessivo de álcool, sem, contudo, rejeitar o consumo em si por princípio.¹⁷

Além disso, a maior quantidade de versões do motivo do Casamento em Caná, em comparação às versões sobre Ló e suas filhas, sugere que o tema do abuso de álcool era encarado mais como um desafio pontual do que como uma problemática sistêmica, inclusive

¹⁶ Jan Wellens de Cock, 1523; Lucas van Leyden, 1530; Bonifazio Veronese, 1545; Jan Massys, 1563 e 1565; Jacopo Tintoretto, 1580/88; Joachim Wtewael, c. 1600; Joachim Anthonisz Wtewael, 1610; Peter Paul Rubens, c. 1613-14; Hendrick Goltzius, 1616; Abraham Bloemaert, 1624; Luca Giordano, 1634 (como gravura em 1855); Orazio Gentileschi, 1628; Jan Steen, c. 1665-7; Gustavo Vourbert, 1844; Cézanne, 1865; Marc Chagall, 1958.

¹⁷ O fascínio por esse motivo específico chama atenção e pode ser explicado, talvez, pelo seu caráter emblemático, uma vez que sua narrativa apresenta ambiguidades em diversos níveis. Primeiramente, trata-se de um mito de origem de dois povos, os moabitas e os Amonitas, contudo descrito com o mais profundo desprezo; simultaneamente, também remete ao mito da origem da linhagem do rei Davi e do próprio Jesus Cristo, por meio de Rute, uma moabita. Em segundo lugar, a narrativa descreve um episódio de incesto, mas responsabiliza duas jovens, aparentemente desconsiderando que elas, previamente, foram oferecidas pelo próprio pai para serem abusadas em lugar dos visitantes recebidos em sua casa. Tal descrição parece inverter os papéis de agressor e vítima. É interessante notar que um número considerável de pinturas sobre esse motivo não segue à risca o texto bíblico nesse aspecto. Diversas obras retratam Ló como consciente, ativo e, consequentemente, como agressor. Por fim, há interpretações alegóricas que inserem, ao lado do vinho, o pão, simbolizando a acolhida do pecador arrependido na eucaristia.

no contexto eclesiástico.¹⁸ No entanto, pela expressiva quantidade de representações de ambos os motivos, tanto por católicos quanto por protestantes, pode-se considerar que ambas as temáticas constituem declarações culturais europeias e transconfessionais, cujas influências permaneceram até o século 19.

Nesse período, emerge um outro motivo que, posteriormente, reapareceria em outras representações como um elemento adicional. Uma de suas primeiras manifestações pode ser observada na pintura *Os efeitos da intemperança*¹⁹ (figura 6) do artista holandês Jan Havickszoon Steen (1626–1679). A obra retrata uma mãe embriagada e adormecida, com uma jarra de estanho derrubada ao centro inferior da composição, sugerindo o consumo de vinho. Enquanto isso, suas crianças assumem o controle da casa, alimentando diversos animais, eventualmente, até as maltratam. Jan Steen, um renomado pintor calvinista, conhecido por suas cenas de famílias e pela representação da prosperidade dos Países Baixos durante seu período de ouro, aborda, nesta obra, a temática de uma mulher e mãe de família intoxicada. No entanto, a pintura não apresenta justificativas específicas para o estado da mulher.

Figura 6: Steen, Jan. *Os efeitos da intemperança*, 1663/1665. O original encontra-se na Galeria Nacional Gallery em Londres, número de acervo NG6442.



Fonte: Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Steen_Effects_of_Intemperance.jpg. Acesso em: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

Cranach e Steen compartilham o enfoque na temática da relação entre o abuso de álcool e a dinâmica familiar. Assim, conclui-se que, naquele período, a cultura visual evidenciava que o consumo de álcool fazia parte do cotidiano e não era percebido como uma ameaça à estabilidade social; entretanto, o uso excessivo não era tolerado nem justificado, mas sim denunciado e rejeitado. Regia o modelo da moderação ou temperança – tradição valorizada tanto na Antiguidade quanto na Época Medieval, na qual figurava como uma das quatro virtudes cardeais.²⁰ Da mesma forma, não havia debate acerca do teor alcoólico do vinho servido nos ritos.

¹⁸ Imagens de sacerdotes bêbados com caracterização do cotidiano não existem. Se não for nos *Flugblattern* – cartazes satíricos e polêmicos – da direta época da reforma.

¹⁹ *The Effects of intemperance*. Assim o seu nome na Galeria Nacional de Londres.

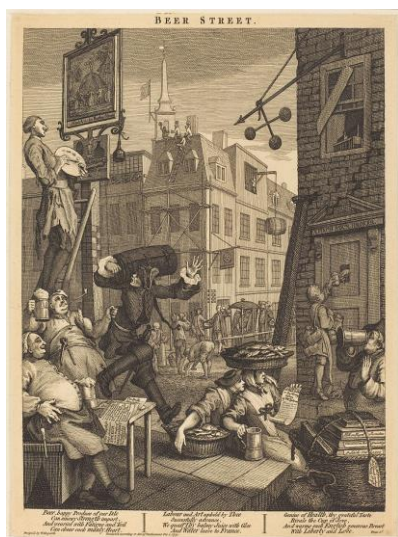
²⁰ Prudência, justiça, temperança e fortitude.

2. Séculos 16 e 18: a manutenção do uso do vinho no rito e a iconografia da temperança

De certa forma, os séculos 16 a 18 representam, para o nosso tema, um período de transição, no qual, por um lado, prevalece a ênfase na temperança e, por outro, passa-se a considerar mais os efeitos do abuso de álcool tanto no âmbito familiar quanto na esfera pública. Contribuíram, sem dúvida, para essa mudança as experiências de guerra – como a Guerra dos 80 Anos entre a Espanha e os Países Baixos (1568–1648) e a Guerra dos 30 Anos na Alemanha (1618–1648). Pelo menos a partir de 1600, no motivo dos "dois caminhos", surge o elemento do grupo de soldados – e não dos civis – que consomem álcool na companhia de prostitutas e se encaminham para o inferno (Renders, 2018, p. 163–185).

Uma primeira ampla manifestação de preocupação pública em relação ao consumo de álcool foi observada na Inglaterra entre 1720 e 1750, durante o denominado “pânico do gim” (Yeomans, 2014, p. 40), um fenômeno tão marcante que foi registrado em verbetes de enciclopédias especializadas (McIntosh, 2009, p. 31-35; Philipps, 2009, p. 264-265). Este evento resultou em diversas iniciativas legais que envolveram a regulamentação e proibição de destilados. O anglicano William Hogarth perpetuou esse período em 1751 por meio de sua gravura Avenida do Gim (figura 8), que ele contrastou com a obra Rua da Cerveja (figura 7), retratando esta última como um caminho para a manutenção da paz social na sociedade. Ambos os cartazes representam o tema religioso do caminho largo (figura 8) e do caminho estreito (figura 7). Nos dois trabalhos, não há menção à família, tampouco um foco no indivíduo, mas sim na destruição ou preservação do espaço público. Na gravura Avenida do Gim, a figura da mãe embriagada desempenha um papel central.

Figura 7: Hogarth, William. Gin Lane, 1750/51. Gravura. A cópia encontra-se no Museu Britânico, número de acervo 1613602219.

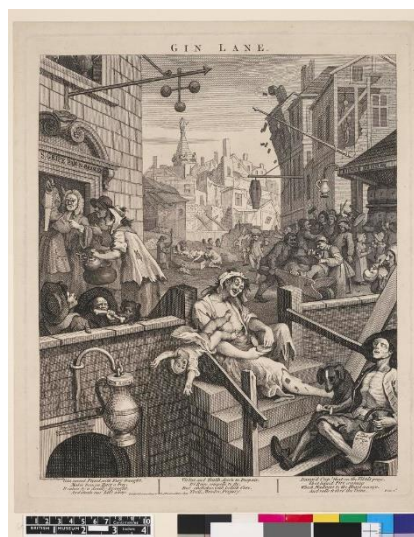


Fonte:

<https://www.britishmuseum.org/collection/image/1613602219>. Acesso em: 12 fev..2025.

[The Trustees of the British Museum. Licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)].

Figura 8: Hogarth, William. Gin Lane, 1750/51. A cópia encontra-se no Museu Britânico, número de acervo 129038001.



Fonte:

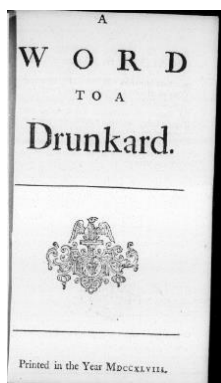
<https://www.britishmuseum.org/collection/image/129038001>. Acesso em: 12 fev. 2025.

[The Trustees of the British Museum Licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)].

Entretanto, ela é representada fora do ambiente doméstico, exposta à rua, e deixando sua criança cair. Essas gravuras não se tratam de imagens devocionais, mas sim de representações com teor crítico e moralizador, indicando comportamentos virtuosos ou viciosos. Embora as decisões devam ser tomadas de forma individual, seus impactos são, majoritariamente, sociais.

Outro exemplo do século 18 pode ser encontrado em um panfleto intitulado *O Beberão* (figuras 9 e 10). Trata-se de um emblema, que inclui lema, imagem e texto explicativo (Renders, 2012, p. 1191-1218). A imagem do emblema apresenta um coração posicionado abaixo de uma fênix, o lendário pássaro que renasce das cinzas. No referido texto, apresenta-se uma extensa lista de comportamentos negativos associados ao alcoólico, destacando seus impactos desintegradores tanto para o indivíduo quanto para a família e a sociedade. A mensagem visual, contudo, transmite esperança de uma transformação desse hábito: por meio do amor de Deus, é possível retornar a uma vida normal. Essa abordagem não moralizante é incomum, fundamentando-se na convicção de que o apoio divino e a vontade humana podem atuar em conjunto de maneira eficaz.

Figuras 9 e 10: Wesley, John. *A word to a drunkard*, [Bristol], 1748 [capa e detalhe do emblema]. O original da cópia digital encontra-se no Internet Archive.



Fonte: Disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_a-word-to-a-drunkard_wesley-john_1748. Acesso em: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

Essa visão, essencialmente idealista, acerca da capacidade e da vontade humana, altera-se apenas uma geração depois, com o surgimento da primeira concepção de dependência, ainda denominada como vício o que ainda responsabiliza o indivíduo pelo problema:

Dr. Benjamin Rush, um signatário da Declaração de Independência e cirurgião-geral do exército continental no final do século 18, argumentou que aqueles que não conseguiam controlar o uso de álcool eram viciados nele. Muitas vezes chamado de pai do movimento de temperança americano, Rush se opunha apenas a “destilados ardentes” ou bebidas destiladas. Em contraste, ele considerava o consumo moderado de cerveja, vinho e sidra aceitáveis (McIntosh, 2009, p. 32).

Apesar de Benjamin Rush (1745-1813) ter admitido o uso de certos tipos de bebidas alcoólicas, ele já defendia que uma pessoa dependente só poderia superar este estado por

meio de uma abstinência rigorosa (Fried, 2018, p. 192).²¹ Ele expressou essa visão em uma gravura intitulada *Termômetro de Temperança e Intemperança*, que classifica as bebidas de acordo com seus efeitos, publicada em sua obra *Os Efeitos das Bebidas Espirituosas Ardentes sobre o Corpo e a Mente Humana* (1790) (Sinclair, 1962, p. 37).²² Nesta segunda fase, mantém-se, então, o conceito de usos permissíveis e não permissíveis, enquanto aumenta a sensibilidade social até o reconhecimento da primeira noção de dependência. Ainda assim, em nenhuma igreja houve alteração na prática de utilizar vinho durante a celebração do rito.

3. Ao longo do século 19: Surgem a iconografia da abstinência e introduz-se o uso de suco de uva no rito da Santa Ceia

É durante o século 19 que se inicia um novo debate que substitui a temperança ou moderação pela abstinência, ou, como se dizia à época, a temperança moderada pela temperança absoluta.²³ Iniciamos esta seção com a questão do uso de vinho no rito:

Durante o movimento inicial de temperança moderada, no final da década de 1820, o vinho era amplamente considerado aceitável. Na década de 1830, no entanto, alguns defensores da abstinência passaram a exigir a renúncia de todas as bebidas alcoólicas, incluindo o vinho utilizado na Comunhão. [...] A controvérsia intensificou-se após 1855. [...] Já na década de 1880, a maioria das capelas não conformistas adotava o uso de suco de uva nas celebrações da Comunhão. Os metodistas wesleyanos, por sua vez, revogaram uma proibição anterior ao uso de vinho não fermentado na Comunhão. Contudo, as autoridades católicas romanas e anglicanas continuaram a vetar tal prática (Belaskie-Simeon, 2009, p. 106).

A transição começa, portanto, a partir de 1820 e se consolida após 1880.

Antes do surgimento do movimento de temperança moderacionista, no final da década de 1820, os evangélicos consideravam o consumo de bebidas um prazer comum. Alguns anglicanos proeminentes adotaram o movimento moderacionista, que proibia o consumo de bebidas destiladas, mas permitia tanto os investimentos na indústria de bebidas quanto o uso de cerveja e vinho de maneira social, sacramental e medicinal. Entre cerca de 1835 e 1855, os clérigos anglicanos, com poucas exceções, resistiram à prática da abstinência por motivos religiosos, sociais, culturais, médicos e econômicos (McKean & Olsen, 2009, p. 226).

²¹ Mesmo assim, Joseph Beutmont Wakeley incluiu Rush na lista eterna dos honrados do movimento de temperança. (1875, p. 238).

²² Sua primeira publicação sobre temperança surgiu no jornal *Pennsylvania Gazette* no início da década setenta (Fried, 2018, p. 72). John Wesley, divulgou uma cópia desse termômetro em 1791 num jornal por ele editado, chamado *Arminian Magazine*.

²³ Esta escolha de designação causou muitos problemas de comunicação. Mas, de fato, fala-se da “proibição” em especial da legislação que exigiu abstinência. Na plataforma digital da Universidade de Princeton, há 181 títulos que contêm a palavra temperança, 24 a proibição. Proibição aparece pela primeira vez em 1881, e dez com a combinação entre 1888 e 1910. Todos títulos são acessíveis na plataforma digital *Theological Commons* da Universidade Princeton. <https://commons.ptsem.edu/>.

A iniciativa de introduzir o suco de uva apresentou um desafio peculiar: em uma época sem refrigeração, as uvas não estavam disponíveis ao longo de todo o ano. Essa questão foi resolvida quando Thomas E. Welch, um pregador leigo metodista e mordomo encarregado de preparar a Santa Ceia, conseguiu pasteurizar o suco em 1869, seguindo a invenção de Louis Pasteur, realizada em 1864. Embora inicialmente não tenha obtido sucesso, o suco de uva pasteurizado segundo o seu método passou a ser amplamente utilizado a partir de 1875.

A próxima litografia (figura 11) apresenta uma árvore cuja copa, à esquerda, aparece sem folhas, enquanto, à direita, está cheia de folhas. Trata-se de uma iconografia tradicional dos dois caminhos – vida e morte – anteriormente empregada por Lucas Cranach, o Velho. Abaixo da árvore, à esquerda, encontra-se uma família desolada junto à palavra "intemperança"; à direita, uma família próspera acompanhada da palavra "temperança". A litografia de 1836 pertence, assim, ao período em que ainda se defendia a chamada temperança "moderada".

Figura 11: Rider, Alexander. *Look upon this picture and on this." Shakespeare. [graphic]: Intemperance and temperance*, Philadelphia: James S. Earle & T. Birch, 1832. O original da cópia digital encontra-se na Library Company of Philadelphia, número de acervo Historical Society of Pennsylvania: Bb 61 B 617.

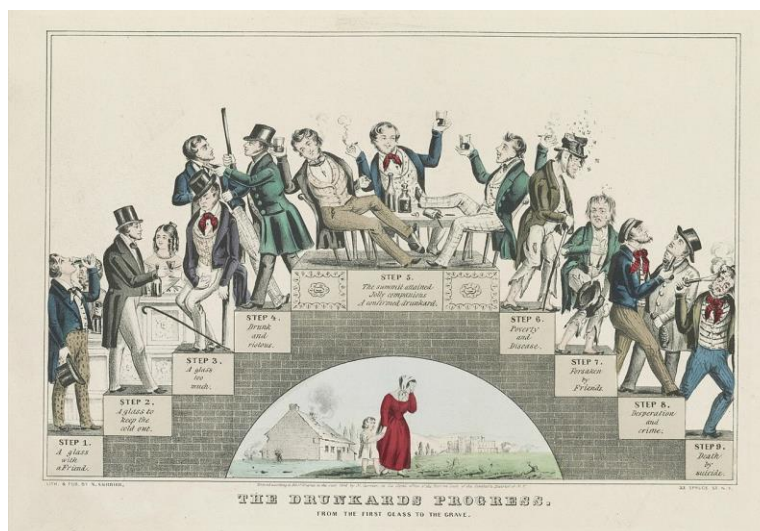


Fonte: <https://digital.librarycompany.org/islandora/object/digtool%3A64162>. Acesso em: 20 set. 2025.

Licença: open access.

A litografia em seguida, criada por Nathaniel Currier (1813-1888) em 1846, intitulada *O Progresso de um Beberão*, já reflete a transição para uma fase mais restritiva (figura 13).

Figura 13: Currier, Nathaniel. *The Drunkard's Progress*, 1846. O original da cópia digital encontra-se na Library of Congress, Washington, DC, EUA, número de acervo LC-DIG-ppmcsa-32719.



Fonte: <http://hdl.loc.gov/loc.pnp/cph.3b53131>. Acesso em: 20 set. 2025.

A composição do cartaz incorpora três influências visuais e textuais. Primeiramente, apresenta o motivo da escada da vida, utilizado desde o século 16, que retrata um homem, uma mulher ou um casal passando por diferentes fases da vida, subindo a escada desde o nascimento e descendo-a até o falecimento (Cf. Costa-Renders, 2020, p. 197-222). Em segundo lugar, inclui séries de folhas que narram, etapa por etapa, a decadência de vidas. William Hogarth explorou amplamente este gênero, no qual o elemento do álcool está presente em todas as representações. *A trajetória de uma prostituta*, 1730/31²⁴; *A trajetória de um libertino*, 1734/35²⁵, *Diligência e ociosidade*²⁶, 1741; *Estágios da crueldade*²⁷, 1751.²⁸ Esse clássico guia devocional protestante foi publicado pela primeira vez em 1678. A cena de uma família abonada sendo expulsa de sua residência é um tema recorrente em diversas séries, como já foi mencionado anteriormente. Em nove etapas, Currier apresenta o percurso que vai desde um *copo com um amigo* (primeira etapa) até a *morte e o suicídio* (nona etapa). Observa-se que, para Currier, o primeiro passo inevitavelmente conduz ao último, que só pode ser evitado caso o primeiro passo não seja dado. Em outras palavras, ele advoga pela prática da abstinência de álcool.²⁹

O próximo meio de comunicação é a parte externa de envelopes de cartas. O primeiro exemplo é particularmente interessante porque, à esquerda, integra a iconografia da gravura *Avenida do Gim* (1750/51) de William Hogarth (figura 7). Trata-se de uma forma clássica para articular paixões, com anos depois do seu surgimento na Inglaterra. É o caso envelope com propaganda do movimento de temperança com o título *Intemperance is the Bane of Society*,

²⁴ *A harlot's progress* (seis folhas).

²⁵ *A rake's progress* (oito folhas).

²⁶ *Industry and idleness* (seis folhas cada).

²⁷ *Stages of cruelty*.

²⁸ Todos títulos citam de forma irônica o título *A trajetória de um peregrino* (Pilgrim's Progress) de John Bunyan.

²⁹ Por causa disso há cartazes semelhantes que se chamam diretamente *Passos da intemperança* (cf. Deems, Stearns, 1940).

1850.³⁰ Dessa forma, transcende a esfera privada e o foco no destino do indivíduo ou do núcleo familiar, retomando o alerta sobre o perigo da decadência de toda a sociedade quando o acesso aos destilados é facilitado. À direita, na parte superior, observa-se um casal passeando; na parte inferior, há outro casal sentado com um bebê em um berço. Acima do berço encontra-se uma cornucópia, símbolo mitológico greco-romano que representa abundância, prosperidade e fartura. Um ano depois, foi disseminado outro envelope com alterações iconográficas significativas. Esse segundo envelope com um motivo de intemperança de 1853, tem somente o título “Temperança” em inglês.³¹

Mantiveram-se, à esquerda, a representação de uma família entregando seus bens ao penhor e uma figura de uma pessoa enforcada – novamente, então citando a gravura *Avenida do Gim* (1750/51) de William Hogarth (figura 7). Enquanto isso, ao lado direito, encontramos um casal passeando. Um elemento novo é a iconografia da destruição de barris. Trata-se de um explícito exemplo de uma forma de paixão desfredda e “dionísica”. Também a uma inclusão de uma figura com uma faixa contendo as palavras “amor”, “pureza” e “fidelidade”,³² em alusão às faixas usadas por políticos em eventos relevantes do Estado. O lema era do movimento da temperança³³ e esclarece a mudança: “A intemperança é a maldição do mundo. Execução, operação e efeitos da Lei de Maine”.³⁴ A Lei de Maine, implementada em 1851, proibiu a venda de destilados no estado de Maine (Sinclair, 1962, p. 38).

Do ponto de vista iconográfico, a ênfase na compaixão pelas vítimas do vício e na idealização do lar como um espaço abstinência foi substituída por uma linguagem triunfal e iconoclasta, que agora simboliza a destruição do ídolo com o respaldo da lei. Tal substituição da iconografia antiga (1850) pela nova (1851), no decorrer do período, cria a impressão de que há uma revelação de um lado violento já latente em uma linguagem previamente sensível, o que pode potencialmente descredibilizar o projeto como um todo.³⁵ Esta mudança de um acento performativo na compaixão por um acento performativo violento e de ira pode ser bem descrita como formas de compaixão apolíneos e dionísicos (cf. Teixeira, 2010, p. 1-22).

Embora 12 estados dos EUA tenham seguido o exemplo de Maine nos quatro anos seguintes, os esforços proibicionistas foram interrompidos pela Guerra da Secessão (1861-1865). Na época, nenhum dos lados parecia disposto ou capaz de promover o ideal de um exército abstinência. Contudo, após a guerra, a vivência de sua violência excessiva acabou por se transformar em um argumento favorável ao movimento proibicionista. Além disso, com

³⁰ Uma imagem do envelope está disponível na página: <https://stampauctionnetwork.com/v/v65554.cfm> lote número 1064.

³¹ Por favor verifique em: <https://www.worthpoint.com/worthopedia/unused-1850s-temperance-movement-1787418065> ou em <https://www.worthpoint.com/worthopedia/postal-history-temperance-cover-1957069294>.

³² *Love, purity, fidelity*.

³³ O lema relaciona sobriedade, conduta moral e virtudes tradicionais e expressa os ideais de amor romântico, pureza espiritual e fidelidade — frequentemente associados a valores religiosos e reformistas. Um exemplo emblemático é a litografia colorida à mão produzida por Kelloggs & Comstock, Banner de Temperança, 1850; que apresenta uma cena simbólica na qual o lema é exibido de forma destacada, contrapondo a tentação à virtude, reforçando, assim, a mensagem de escolha moral. Comentamos aqui somente que essa imagem cita o motivo da *Encruzilhada de Hérculos*, ou seja, recorre à mitologia grega e uma iconográfica e iconologia renascentista.

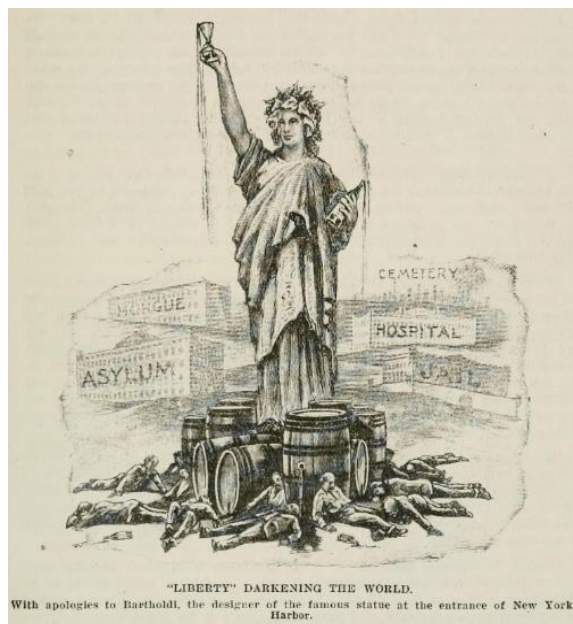
³⁴ *Intemperance is the curse of the world. Execution, operation & effects of the maine law." This refers to the Maine Law.*

³⁵ Consulte Andrew Sinclair (1962), que analisa precisamente o aspecto excessivo do movimento de temperança e de proibição, considerando-o como um dos fatores que contribuíram para sua derrota após o período de sucesso.

o avanço das pesquisas no campo da medicina, o conceito de vício evoluiu para o de dependência, sendo esta entendida como a ausência da liberdade de escolher não consumir bebidas alcoólicas.

Na imagem mencionada (figura 14), essa ideia é articulada, porém não em sua dimensão privada, mas sim na esfera pública: a nação, identificada pelo ideal de liberdade, contraditoriamente restringe a liberdade por meio da liberação do consumo de bebidas alcoólicas. A capa do *Livro Mundial de Temperança* de 1909 reflete o fim desse processo. A Estátua da Liberdade é retratada com uma taça na mão esquerda e uma garrafa na mão direita, substituindo a Constituição e a tocha. Aos seus pés, encontram-se barris em pé e deitados, rodeados por bêbados inconscientes ou incapazes de se levantar. Abaixo dessa cena, encontra-se o lema “A ‘liberdade’ escurecendo o mundo”³⁶. Os criadores chegam a pedir desculpas pela montagem ao escultor Frédéric Auguste Bartholdi, criador da Estátua da Liberdade. A palavra “liberdade” é colocada entre aspas, indicando a ilusão de liberdade; em outras palavras, a imagem utiliza uma linguagem visual para simbolizar a ausência de liberdade ou a condição de dependência.³⁷

Figura 14: Craft, W. F.; Craft, S. F. *World book of temperance*. Washington, D.C.: [International Reform Bureau], 1909. p. 2. Cópia digital do Internet Archive. Original da University of Connecticut Libraries.



Fonte: <https://archive.org/details/worldbookoftempe00craf>. Acesso: 12 fev. 2025. Licença: domínio público.

As próximas duas caricaturas retomam o salão como local de venda e destacam os prejuízos causados tanto à classe burguesa quanto à classe trabalhadora. Esse motivo possui uma longa tradição iconográfica, seguindo o tema da taverna como espaço de confusão e desordem (cf. Martin, 2009). Eles, no entanto, fazem a distinção de que o vício já havia quebrado as pernas da classe trabalhadora (figura 16), enquanto a classe burguesa consegue se manter em pé, ainda que por pouco (figura 15). O foco, então, estava nas consequências

³⁶ “Liberty” darkening the word.

³⁷ Muitos mais motivos não aparecem na literatura. Kenneth Rose (1991) somente desconhece os envelopes e Henry Yeomans (2014) o rei álcool.

do consumo. Pelo menos o último exemplo articula aspectos que passaram a ser reconhecidos a partir de 1920, quando se começou a compreender a dependência física, além da dependência psíquica (Cherrington, 1924/26).³⁸

Figura 15: Craft, W. F.; Craft, S. F. Motivo “O fardo dos homens brancos”. In: Ibidem (rds.). World book of temperance. Washington, D.C.: [International Reform Bureau], 1909. p. 44. Cópia digital do Internet Archive. Original da University of Connecticut Libraries.



Fonte:

<https://archive.org/details/worldbookoftempe00craft/page/44/mode/2up>. Acesso em 12 fev. .2025.

Licença: domínio público.

Figura 16: Craft, W. F.; Craft, S. F. Motivo “Falando do vício”. In: Ibidem (rds.). World book of temperance. Washington, D.C.: [International Reform Bureau], 1909. p. 45. Cópia digital do Internet Archive. Original da University of Connecticut Libraries.



Fonte:

<https://archive.org/details/worldbookoftempe00craft/page/44/mode/2up>. Acesso em 12 fev. .2025.

Licença: domínio público.

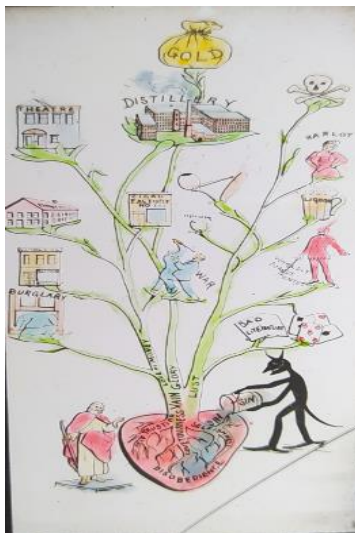
Com isso, surgiu um argumento relevante contra o consumo social de álcool, levando em consideração o perigo que ele representava para indivíduos dependentes:

Entretanto, após um período de abstinência, não demora mais uma década para que a síndrome de dependência se desenvolva novamente. Em vez disso, o padrão dependente de bebida pode ser restabelecido após alguns meses, semanas, dias ou até mesmo horas. (Cook, 2006, p. 24).

Paralelamente, após o ano de 1900, ocorreu uma ampliação na lista de substâncias psicoativas disponíveis, como ópio e a heroína derivada do ópio, que nessa época eram livremente acessíveis e valorizadas por sua eficácia. Um exemplo dessa ampliação é ilustrado no seguinte slide de lanternas (figuras 17 e 18). Este slide de lanterna foi utilizado no Brasil em um período que vai de 1887 a 1917. Já no século 18, o foco era maior na produção do que no consumo. A referência à Guerra da Secessão sugere uma data original para a criação do motivo não antes de 1865 e 1875. Como a missão metodista chegou ao Brasil em 1868, trazendo seus slides de lanternas consigo, o slide aqui apresentado pode ser de 1870 a 1910. Contudo, a percepção pública nos EUA de uma crise relacionada ao ópio não se consolidou antes do período entre 1890 e 1910, assim como a tematização dos cigarros enquanto bens de luxo. Dessa forma, é plausível situar a data do slide entre 1900 e 1920.

³⁸ Cherrington era secretária geral da Liga Mundial contra o alcoolismo.

Figura 17: S.N. Slide de lanternas “Vícios, ganância e morte”, [190?]. Reprodução e uso não comercial da imagem permitido pelo responsável do acervo Hélerson Alves Nogueira e da fotografa Lídia Kameyo Ueda-Fischer.



Fonte: Museu de Comunicação Social / Umesp.
Fotografia: Lídia Kameyo Ueda-Fischer, 2024.

Figura 18: S.N. Slide de lanternas “Vícios, ganância e morte”, [190?]. [Detalhe]. Reprodução e uso não comercial da imagem permitido pelo responsável do acervo Hélerson Alves Nogueira e da Lídia Kameyo Ueda-Fischer.



Fonte: Museu de Comunicação Social / Umesp.
Fotografia: Lídia Kameyo Ueda-Fischer, 2024.

Destaca-se a triangulação entre os efeitos da guerra, o consumo de álcool e ópio, e os interesses econômicos vinculados à lucratividade da indústria alcooleira. Para articular essa relação, o slide de lanterna evoca o motivo dos dois caminhos representados de forma incompleta, já que o caminho estreito deixa de ser plenamente delineado, exceto pela presença simbólica de figuras de Jesus e do diabo posicionadas à esquerda e à direita do coração. Além disso, o slide documenta uma ampliação do espectro de substâncias psicoativas consideradas nocivas, abordando os vícios como uma problemática associada também às famílias das classes superiores, com atenção crescente à vulnerabilidade das mulheres. Dessa maneira, encerra-se, em certa medida, o ciclo narrativo iniciado com a figura sete ou a pintura de Jan Steen. Quanto à promoção ou da temperança ou da proibição, a linguagem visual parece indicar a última.

4. Meados até fim do século 20: o desaparecimento da iconografia, entretanto, a permanência do novo rito

A proibição do álcool chegou nos EUA ao seu fim em 1934, mas permaneceu vigente a regulamentação que restringia a venda de bebidas alcoólicas a pessoas maiores de 18 anos (1934) e, cinquenta anos depois, a maiores de 21 anos (1984). Paralelamente, observou-se um enfraquecimento dos movimentos cristãos defensores da abstinência. Quando a Igreja Metodista, anteriormente conhecida como Igreja Metodista Episcopal até 1934, se uniu à Igreja dos Irmãos Unidos para formar a Igreja Metodista Unida em 1968, abandonou-se a insistência na abstinência e retomou-se a promoção da temperança.³⁹ Essa tendência de

³⁹ Uma tentativa parecida na Igreja Metodista Brasil falhou em 1982 no seu Concílio Geral.

recuar na ênfase à abstinência também pode ser percebida em algumas obras que abordam o tema. Na Enciclopédia de Desenvolvimento Religioso e Espiritual, editada em 2009 por Elizabeth M. Dowling e W. George Scarlett, constata-se a ausência de verbetes específicos sobre temperança e proibição, substituídos por um verbete intitulado “Abuso de Drogas e Álcool” (Blakeney & Blakeney, 2009, p. 129-131), que foca na prevenção e recuperação. Além disso, a palavra “proibição” desapareceu completamente, enquanto “temperança” aparece apenas na seção referente ao *dharma* como componente ético do hinduísmo (Raman, 2009, p. 201). Uma outra enciclopédia recente, intitulada *Álcool na Cultura Popular: uma Enciclopédia*, editada por Rachel Black (2010, p. xiv-xix), afirma, em sua introdução, que os estudos sobre o álcool apresentam duas tendências: a maioria aborda o álcool como problema social, enquanto uma minoria o analisa como hábito cultural e social. A obra opta por seguir esta última direção. Isso pode ser considerado uma proposta conceitual, no mínimo, surpreendente, especialmente levando em conta a consolidação do fenômeno da dependência nas pesquisas contemporâneas. Apesar de, no campo religioso, prevalecer a classificação do uso ou do uso intemperante como um problema social, fica evidente que os movimentos cristãos de abstinência não se recuperaram.

As razões para o colapso do movimento de abstinência nos Estados Unidos ainda não foram suficientemente compreendidas. Argumenta-se que as consequências das leis de proibição foram mais prejudiciais do que o próprio alcoolismo aberto. Os efeitos positivos da proibição foram menores em comparação com o comércio ilegal de bebidas, frequentemente associado a outras atividades ilícitas, que também afetavam a vida privada. A desintegração do movimento de temperança americano explica, em parte, a falta de interesse em investigar as razões e causas de seu colapso (Gustafsson, 1977, p. 396).

Além disso, é notável que, mais uma vez, a iconografia refletiu esse momento na sociedade. As respectivas representações visuais, tanto em defesa da abstinência quanto da temperança, bem como na denúncia das indústrias e dos locais de venda associados, desapareceram. Na ausência da antiga militância cristã e no silêncio deixado pelas imagens, outros agentes assumiram esse espaço: desde a década de 1950 do século passado, o

[...] O movimento de abstinência mais bem-sucedido é a organização formada pelas próprias pessoas afetadas pelo álcool: os Alcoólicos Anônimos. O programa deles, conhecido como “Os Sete Pontos”, é teologicamente notável, pois reflete o instituto clássico da penitência (Gustafsson, 1977, p. 396).

Por outro lado, em países onde as igrejas não abandonaram o discurso da abstinência em favor de uma temperança “moderada”, o tema tornou-se basicamente um tabu inquestionável e, surpreendentemente, também pouco abordado, inclusive no âmbito iconográfico, pelo menos no que diz respeito ao álcool. Já outras substâncias, como heroína, ópio, cocaína ou novas drogas sintéticas, recebem maior atenção.

Entretanto, no que se refere ao rito religioso, as práticas estabelecidas ou mantidas por partes das igrejas protestantes no final do século 19 permaneceram inalteradas e as igrejas pentecostais iam seguir essa linha. Nenhuma das igrejas que defendem o uso de vinho ou suco de uva modificou tais hábitos desde então, mesmo nos casos em que igrejas passaram de uma posição abstêmia para a promoção da temperança, como é o caso da Igreja Metodista Unida a partir de 1968. Na *mesa da comunhão* ou *Santa ceia*, continua-se servindo suco de uva não fermentada. Debates sobre o tema, no sentido de mudança para uma ou outra direção,

também não ocorrem, e, caso existam, restringem-se a discussões internas das igrejas, frequentemente relacionadas a aspectos que dificultam a participação ecumênica no rito, especialmente quando se considera o uso de vinho como condição para a eficácia do sacramento. Isso representa um desafio específico nas igrejas evangélicas, onde o cálice é oferecido a toda a comunidade. Em igrejas que usam vinho, isso frequentemente leva os dependentes de álcool à autoexclusão do rito. No caso do catolicismo, tal questão afetaria exclusivamente os sacerdotes que lidam com a dependência.

Considerações finais

Ao comparar as expressões iconográficas cristãs voltadas à promoção da temperança ao longo dos séculos com elementos das práticas ritualísticas — como o uso de vinho ou suco de uva na Santa Ceia — observa-se, em primeiro lugar, uma sincronização, até por volta de 1850, entre a cultura dominante e a iconografia cristã. Até esse período, a cultura visual temperante moderada, em sua maioria, parece ter refletido o sistema moral vigente, especialmente no que diz respeito à [in]tolerância em relação ao consumo de álcool. Em segundo lugar, entre 1850 e 1910, a cultura visual temperante “absoluta” assume um papel de vanguarda na mobilização social em direção ao proibicionismo. Nesse momento, tal cultura visual posiciona-se de forma mais incisiva, buscando exercer influência tanto no campo cultural quanto no legal. Compreendemos que um dos fatores que contribuíram para a transição do clima de temperança moderada para a temperança absoluta foi, nos Estados Unidos, a experiência traumática do (ab)uso de álcool e ópio durante a Guerra da Secessão (1861–1865), experiência essa que se manifesta explicitamente na última imagem apresentada.

Todos os motivos da cultura visual temperante apresentam uma iconografia simultânea-mente informativa e performativa, frequentemente articulando aspectos apolíneos e dionisíacos lado a lado, com o intuito de indicar consequências — como nas obras de Hogarth — e sugerir escolhas morais. No que diz respeito às formas que compõem esses motivos, observa-se um repertório relativamente restrito, o que contribui significativamente para sua clareza e compreensibilidade. Entre os elementos recorrentes, destacam-se grupos de soldados consumindo bebidas alcoólicas, casais em situações de desolação ou prosperidade, escadas ascendentes ou descendentes, a figura de um rei e representações da Estátua da Liberdade. Muitos desses elementos, por sua vez, eram integrados ou associados à iconografia dos caminhos largo e estreito, reforçando a dimensão moralizante e pedagógica da cultura visual temperante.

A precedência de motivos inteiros, elementos compositivos ou estruturas visuais contribuiu, por um lado, para o impacto da cultura visual temperante, em virtude de sua familiaridade e compreensibilidade. Por outro lado, essa repetição pode ter colaborado para seu esgotamento: o repertório limitado foi gradualmente exaurido, e novos motivos com igual força emblemática não chegaram a emergir. Ademais, a familiaridade com motivos bíblicos como representação de uma cultura “ocidental” sofreu uma queda significativa após a década de 1970. No que tange à ênfase entre os âmbitos privado e público, o discurso iconográfico temperante teve origem com foco no indivíduo e na família, ou seja, no espaço doméstico. Embora esse enfoque nunca tenha desaparecido por completo, observou-se uma ampliação a partir do século XVIII, acompanhando a crescente aceitação pública da temperança e da abstinência. Com o avanço da resistência pública ao discurso proibicionista, se iniciou o processo de desaparecimento da cultura visual temperante como um todo.

Referências

- ANDERSON, Edward F. **Peyote, the divine cactus**. 2a ed. Tuscon: The University of Arizona Press, 1996.
- BARNES, Donna R.; ROSE, Peter G. **Matters of Taste: Food and Drink in Seventeenth-Century Dutch Art and Life**. Albany, N.Y.: Syracuse University Press, 2002.
- BELASKIE-SIMEON, Cynthia. “Bible Wine”. In: BLOCKER, Jr., Jack S.; FAHEY, David M.; TYRRELL, Ian R. (editores.). **Alcohol and temperance in modern history: an international encyclopedia**. Vol. 1: A-L. Santa Barbara, California; Denver, Colorado; Oxford, England: 2009, p. 106-107.
- BLACK, Rachel. **Alcohol in popular culture: an encyclopedia**. Santa Barbara, California; Denver, Colorado; Oxford, England: Greenwood, 2010.
- BLAKENEY, Ronnie Frankel; BLAKENEY, Charles David. “Drug and alcohol abuse”. In: Dowling, Elizabeth M.; Scarlett, W. George (editores). **Encyclopedia of religious and spiritual development**. Thousand Oaks, Cal.; London; New Delhi: Sage Publications, Inc., 2009, p. 129-131.
- BONHOMME, Julien. From Bwiti to Ibogaine and Back: A Transnational History of Tabernanthe iboga. In: DYCK, Erika; ELCOCK, Chris (eds). **Expanding mindscapes: a global history of psychedelics** Cambridge, MA: The MIT Press, 2003. p. 189-214. DOI:10.7551/mitpress/14417.003.0014
- CHERRINGTON, Ernest Hurst. **Standard encyclopedia of the alcohol problem**. 4 volumes. Westerville, Ohio: [American Issue Pub. Co.], 1924-1926
- COOK, Christopher C. H. **Alcohol, addiction and Christian ethics**. Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo: Cambridge University Press, 2006.
- COSTA-RENDERS, Elizabete; RENDERS, Helmut. “A vulnerabilidade como condição antropológica segundo o motivo “Escada da vida” em uma xilogravura do século 19”. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, MG, v. 18, n.55, 2020, p. 197-222. DOI 10.5752/P.2175-5841.2020v18n55p197.
- CRAFT, Wilbur Fisk; CRAFT, Sara J. **World Book of Temperance: temperance lessons – biblical, historical, scientific**. Washington, D.C.: International Reform Bureau, 1909.
- DACUS, Joseph A. **Battling with the demon; or, The progress of temperance in the struggles of the past and present**. Combined with fact, argument and illustration, showing the power for misery, crime and degradation among mankind of the dire curse of strong drink. Chicago, Hartford, Los Angeles: Scammel and Company, 1878. Disponível em: <https://commons.ptsem.edu/id/battlingwithdemo00dacu>. Acesso em 23 mar. 2025.
- DEEMS, Charles F. **12 steps in intemperance: a fascinating story for all--especially boys and girls**. Burlington, VT: Frak H. Stearns, 1940.

DOWLING, Elizabeth M.; SCARLETT, W. George (editores). **Encyclopedia of religious and spiritual development**. Thousand Oaks, Cal.; London; New Delhi: Sage Publications, Inc., 2009.

FRIED, Stephen. **Rush, Benjamin**: revolution, madness, and the visionary doctor who became a founding father. New York: Crown Publishing, 2018.

GUSTAFSSON, Bernd. “Abstinenz / Abstinenzbewegungen”. In: KRAUSE, Gerhard; MÜLLER, Gerhard (editores.). **Theologische Realenzyklopädie**, vol. 1 [Aron – Agende]. 1ª ed. Berlin, New York: de Gruyter, 1977, p. 392-398.

HARRIS, Rachel. **Swimming in the sacred**: wisdom from the psychedelic underground wisdom f New World Library, 2023.

HIGGINS, Colleen et. al. Die Opioid-Epidemie in den USA. **Gesundheits- und Sozialpolitik**, v. 72, n. 3, 2018, p. 32-49. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26766387>. Acesso em: 28 mar. 2025.

JAY, Mike. Epilogue: a global history of psychedelics. In: DYCK, Erika; ELCOCK, Chris (eds). **Expanding mindscapes: a global history of psychedelics** Cambridge, MA: The MIT Press, 2003. p. 494-502. DOI:10.7551/mitpress/14417.003.0014

Kellogg, E. B.; Comstock, J. C. *Banner de Temperança*: love, purity, fidelity. Litografia colorida à mão. National Museum of American History. Número de Acervo: ID 60.2949 1850. Disponível em: https://americanhistory.si.edu/collections/object/nmah_325230Acesso em: 2 nov. 2025.

KIND, Joshua Benjamin. **The drunken lot and his daughters**. an iconographical study of the uses of this theme in the visual arts from 1500–1650. Dissertation, Columbia University, 1967.

KOSSAR FURTADO, Kevin Willian. A religiosidade marginal-maconhista da Igreja dos Humildes: considerações teológico-folkcomunicacionais. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 19, n. 43, p. 318–340, 2021. DOI: 10.5212/RIF.v.19.i43.0018.

KUNZ, Hannelore. **Materialien und Beobachtungen zur Darstellung der Lotgeschichte (Genesis 19,12-26) von den Anfängen bis gegen 1500**. Dissertation, Ludwig-Maximilians-Universität zu München, 1981.

MACRAE, Edward. Santo Daime e Santa Maria: usos religiosos de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas. In: LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra. (Orgs.). **O uso ritual da plantas de poder**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2005. p. 459-488.

MAIA, Lucas de Oliveira et al. (org.). **Visões multidisciplinares da ayahuasca**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023.

MARTIN, A. Lynn. **Alcohol, violence, and disorder in traditional Europe**. Kirksville, Missouri: Truman State University Press, 2009.

MARTIN, Scott C. (editor). **The Sage Encyclopedia of Alcohol Social, Cultural, and Historical Perspectives**. 3 volumes. Thousand Oaks, CAL.: SAGE Publications, 2016.

McINTOSH, James R. “Alcoholism”. In: DOWLING, Elizabeth M.; SCARLETT, W. George (editores.). **Encyclopedia of religious and spiritual development**. Thousand Oaks, Cal.; London; New Delhi: Sage Publications, Inc., 2009, p. 31-35.

McKEAN, Matthew; OLSEN, Gerald Wayne. Evangelical Temperance (United Kingdom). In: BLOCKER, Jr., Jack S.; FAHEY, David M.; TYRRELL, Ian R. (eds.). **Alcohol and temperance in modern history: an International Encyclopedia**. Vol. 1: A-L. Santa Barbara, California; Denver, Colorado; Oxford, England: Greenwood, 2009, p. 225-227.

MEAGHER, Jennifer. “Food and Drink in European Painting, 1400–1800.” In: **Heilbrunn Timeline of Art History**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000ss. 2009. Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/food/hd_food.htm. Acesso em: 14 mar. 2025.

MOREIRA, Paulo; MACRAE, Edward. **Eu venho de longe: Mestre Irineu e seus companheiros**. 1ª reimpressão. Salvador: EDUFBA, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16415>. Acesso em: 31 out. 2025.

NARAMORE, Sarah E. **Benjamin Rush, civic health, and human illness in the early American Republic**. University of Rochester Press, Rochester, 2023.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PETHES, Nicolas. **Cultural memory studies: an introduction**. Trad.: Manjula Dias-Hargarter. Cambridge Scholar Publishing, 2019.

PETHES, Nicolas. **Kulturwissenschaftliche Gedächtnistheorien zur Einführung**. Junius Verlag, 2016.

PHILLIPS, Rod. “Gin panic”. In: In: Blocker, Jr., Jack S.; Fahey, David M.; Tyrrell, Ian R. (eds.). *Alcohol and temperance in modern history: an international encyclopedia*. Vol. 1: A-L. Santa Barbara, California; Denver, Colorado; Oxford, England: 2009. p. 264-265.

RAMAN, Varadaraja V. “Hinduism”. In: DOWLING, Elizabeth M.; SCARLETT, W. George (editores.). **Encyclopedia of religious and spiritual development**. Thousand Oaks, Cal.; London; New Delhi: Sage Publications, Inc., 2009, p. 199-203.

RENDERS, Helmut. “Onde andam os militares? Soldados em xilogravuras e litografias religiosas populares dos séculos 17 e 19”. In: **REVER – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2018, p. 163-181. DOI: 10.23925/1677-1222.2018vol18i2a11

RENDERS, Helmut; UEDA-FISCHER, Lídia Kameyo. “O slide de lanterna “O amor ao dinheiro é raiz de todos os males” (1Tm 6.10): aspectos iconográficos e iconológicos”. In: **Caminhos**, Goiânia, GO. v. 20, n. 2, p. 208-233 maio./set. 2022. DOI: 10.18224/cam.v20.n2.2022

RENDERS, Helmut. O consumo de álcool segundo as gravuras Beer Street e Gin Lane de William Hogarth e as obras de John Wesley: convergências e diferenças.” In: **História, Ciência, Saúde-Manguinhos** [online], Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, 2012, p. 1191-1218. DOI: 10.1590/S0104-59702012000400006.

ROSE, Kenneth D. **American women and the repeal of prohibition**. New York, London: New York University Press, 1991.

RUSH, Benjamin, **Effects of ardent spirits upon the human body and mind**. Boston: Thomas and Andrews, 1790.

SANGIRARDI Jr.⁴⁰ **O índio e as plantas alucinógenas**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint. S. A.

SCHNEIDER, Hildegard. "On the Pomegranate". **Metropolitan Museum of Art Bulletin**, New York, v. 4, n. 4, p. 117-120 (dez. 1945).

SINCLAIR, Andrew. **Prohibition: the era of excess**. Prefácio: Richard Hofstadter. Boston, Toronto: Little, Brown and Company, 1962.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. Aby Warburg e a pós-vida das Pathosformeln antigas. **Revista História da Historiografia**, Ouro Preto, MG, n. 5, p. 1–22, 2010. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i5.171>

TIES, Hanns-Paul. Albrecht Altdorfers „Lot und seine Töchter“ und die Ambivalenz von Erotik und Moral in der Aktmalerei der nordischen Renaissance, **Wiener Jahrbuch für Kunstgeschichte**, v. 54. Vienna: Universität Wien, 2005, p. 177–221.

WAKELEY, Joseph Beaumont. **The American Temperance Cyclopaedia of history, biography, anecdote, and illustration**. New York: National Temperance Society and Publication House, 1875. Disponível em: <https://archive.org/details/cyclopaediaof-0tem00londrich/page/n5/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 24 mar. 2025.

WAONER, Brady (editor). **Handbook of Culture and Memory**. Oxford: Oxford University press, 2018.

WESLEY, John. **A word to a drunkard** ([Bristol]: [Felix Farley] 1748). Disponível em: https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_a-word-to-a-drunkard_wesleyjohn 1748. Acesso em: 19 mar. 2025.

WLECH, Joel. **A history of wine, spirits and drunkenness in art**. Dissertação submetida na Universidade das Ciências Gastronômicas. Pollenzo, março 2024. Disponível em: <https://www.unisg.it/assets/Joel-Welch-A-History-of-Wine-Spirits-and-Drunkenness-in-Art.pdf> Acesso em: 15 mar. 2025.

YEOMANS, Henry. **Alcohol and moral regulation, public attitudes, spirited measures and Victorian hangovers**. Bristol, Chicago: Policy Press, 2014.

Recebido em 08/04/2025

Aceito em 02/11/2025

⁴⁰ Em nenhuma referência aparece um sobrenome.